

O POVO DO MAR

Livro 56

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



ALFABETO

Nossos ancestrais se comunicavam por gestos, ruídos, senhas desenvolvidas em função da sobrevivência. A articulação dos fonemas até alcançar um sistema de comunicação foi uma conquista extraordinária dos nossos ancestrais. Esses pioneiros inauguraram a importância da construção coletivos e da união entre os membros da comunidade.

A necessidade de comunicação levou os Fenícios a criar e desenvolver um alfabeto sonoro. Enriqueceram seus intercâmbios culturais, comerciais através da comunicação.

Entre 1200 a 730 a.C., sua rede conectava povos da Inglaterra até a Grécia e com ela também viajou sua grande invenção: o alfabeto, que deu origem ao grego, latim, hebraico e árabe, criaram o dinheiro e o crédito.

BARCOS FENÍCIOS

Os mares assistiam perplexos os barcos fenícios indagando-se: “Quem são esses formidáveis que tanto podem? Suas origens, influência e valimento? Que força moral, física? Que certeza, robustez, suporte, tenacidade.” Confirmando-se mercadores firmaram e valorizaram os descobrimentos geográficos, a esteira das rotas marítimas, a sinuosidade das formas até parir as letras.



OS FARDOS

Levantar os fardos, poupar água e trigo, manter recluso o vinho, o azeite, o ferro, o chumbo, a púrpura. Os peixes produziam leve tremura na água avisando suas presenças, deixavam soberbos estrados iluminados pela prata da lua domando as ondas, reciprocamente, os olhos dos marinheiros planavam sobre as águas até encontrar o alimento planejado.

REMADORES FENICIOS

Uma pintura líbio-púnica encontrada na cova funerária de Kef el-Blida nos montes Mogods seguramente reproduz esta mesma categoria de navio e nos brinda a oportunidade de conhecer o tipo de aparelhos propulsão à vela e parte da armação. Esta representação tem sem dúvida um caráter mais realista que as de Korsabad, por isso o número de tripulantes de Kef el-Blida se deve aproximar muito aos que em realidade deviam levar estas com suas armas em atitude de render homenagem.

Provavelmente o padrão ou timoneiro é o personagem que subido na proa dirige a cerimônia. A tripulação total devia ser umas vinte pessoas acomodadas no convés.

Os fenícios inventaram o biremo e o triremo.

IMOLAÇÃO

Os Fenícios perseguidos por piratas em maior número e com possibilidade de abordar seus barcos, optavam por afundar os próprios barcos. Em navios de grande porte, entre 8 e 15 m. de comprimento levando até 20 marinheiros, pesando de 2 a 14 toneladas, transportavam prata, estanho, chumbo, ouro, marfim, vinho, óleo, amêndoas, sal, azeite, bugios e pavões. Importante mercadoria era el corante Púrpura, cor usada pela nobreza. Considerado de elevado valor por gregos e romanos, esta tinta adquirida do molusco Múrice.

Seus propósitos eram, impedir o roubo de suas mercadorias, mas principalmente para não serem obrigados a transmitir todo seu conhecimento sobre rotas marítimas e conhecimentos náuticos e da fabricação de navios. Esta decisão foi uma estratégia extraordinária para fazer com que os piratas fracassassem em seus assaltos.

NAVIOS FENÍCIOS

Os navios de guerra tinham uma popa convexa, eram impulsionados por uma grande vela quadrada, num único mastro, e dois bancos de remos (um bi remo). Remadores conscientes de sua missão coordenavam seus movimentos, teriam eles noção da repetição desse valor, desta solidariedade ao longo dos séculos? O comprimento dos navios era sete vezes maior que sua largura, para carregar o número necessário de tripulantes, remadores e guerreiros. Saberiam eles que coordenaram a ação coletiva? a dimensão do conhecimento científico ali empregado, mais além do êxito e do benefício imediato? A monarquia não tinha governo centralizado, foi dividido seus governos por cidades-estados. Isto pode ter sido um modelo de descentralização do poder nas atividades náuticas. Herodotus e Tucídides concordam que a velocidade média de uma antiga embarcação era de cerca de 6 milhas por hora. Quantos mares atravessados por velocidades harmonizadas com a determinação do destino fenício deixaram marcas no costume de ir pelo Líbano e vir pelo Líbano? Eles correspondiam à política de cuidados e arraigos construídos com o apego dos seus entes queridos, familiares e amigos.

Por isso criaram as rotas da circunvolução da África, para ir e vir.



REMADORES FENICIOS

Uma pintura líbio-púnica encontrada na cova funerária de Kef el-Blida nos montes Mogods seguramente reproduz esta mesma categoria de navio e nos brinda a oportunidade de conhecer o tipo de aparelhos propulsão à vela e parte da armação. Esta representação tem sem dúvida um caráter mais realista que as de Korsabad, por isso o número de tripulantes de Kef el-Blida se deve aproximar muito aos que em realidade deviam levar estas com suas armas em atitude de render homenagem.

Provavelmente o padrão ou timoneiro é o personagem que subido na proa dirige a cerimônia. A tripulação total devia ser umas vinte pessoas acomodadas no convés.

Os fenícios inventaram o biremo e o triremo.

OLHOS DOS NAVIOS

Nos lados dos navios fenícios foram pintados olhos comuns. Seriam eles para anunciar a “terra à vista”? Acima deles havia aberturas para cabos de ancoragem. Seriam cabos da esperança de aportar, anunciando que esperavam chegar? Havia na proa um arco usado por arqueiros, ou catapultas, durante a batalha; e um pós-castelo no final da popa que abrigava o capitão e os oficiais. Saberiam eles dos perigos, dos mares e dos homens? Havia dois lemes para a direção, um de cada lado da popa. Seria uma divisão de poderes distribuindo liderança, dividindo soberanias e conseqüências? Muitos guardaram em segredo no fundo dos mares as rotas marítimas que descobriram.



MISTERIOSOS VENTOS

Misteriosos ventos foram presságios de tormentas. Caindo em saltos inesperados exaltaram-se os medos,

aprofundado os abismos ao prescreverem-se as garantias. Não houve tempo de perguntar se as rotas estavam mantidas, decidiram abraçar a terra firme, embora tal preceito nem sempre pudesse ser respeitado. As dores eram tão pungentes quanto as mãos que empunhavam os remos.



INVENTÁRIOS

Ao fazer inventários sentidos nos paladares, nos perfumes, nas audições, os humanos começam a perceber uma distância menos abstrata, ao mesmo tempo humanizam os afetos que pareciam concretos. Considerável parte dos produtos comercializados pelos fenícios provinha de suas oficinas artesanais, que dedicavam à metalurgia (armas de bronze e de ferro, joias de ouro e de prata, estátuas religiosas), assim como a fabricação de vidros coloridos e à produção de tintura de tecidos (merecem destaque os tecidos de púrpura). Por sua vez, importavam de várias regiões

produtos como metais, essências aromáticas, pedras preciosas, cavalos e cereais. Tiro era a principal cidade que se dedicava ao comércio de escravos, adquirindo prisioneiros de guerra e vendendo-os aos soberanos do Oriente próximo.



FOMES ANCESTRAIS

Na amostragem sobre os afetos os exilados contam com muita dor sobre os amigos que deixaram ir e outros que não puderam vir. Imigrantes libaneses, como tantos outros, alemães, italianos, palestinos, sírios, portugueses, reunidos para ouvirem música-juntos é uma imagem reincidente do desenvolvimento cultural que busca agregar, assim reproduzem na audição o que haviam aprendido à mesa, reunir suas fomes, de unir-se na família dos humanos. Heranças ancestrais.

ALI ESTAVAM

Cada vez que me detive a olhar-me, ali estavam todos os seres, imagens, sensações do meu passado chamando-se uns aos outros, um acúmulo de diálogos adicionando locuções, paisagens, livros, partilhas, ordenando puros e pecadores, falsos e verídicos.



SECULARES

Todos os tempos se transmutam em ligeiras vivências como chuva sobre recordações seculares. Aventuro-me minar lentamente o esquecido até que, pouco a pouco, todas as saudades se espalhem como pedaços meus pelo curso do que me resta viver.

NAUFRÁGO

Essas vivências de naufragos exigiam proteção para não ficar infeliz. Sabiam serem frágeis, eternamente incompletos. Por isso não se arrependiam às vezes de gritar por socorro, buscando apenas substituir a impotência por uma companhia fugidia que lhes estendesse um pouco de paz.



GALEÃO

O galeão era um navio movido a velas e remos, através delas os fenícios realizavam comércio, se acredita que eles sejam os inventores do birreme, tido como o melhor navio da antiguidade. Gregos e romanos copiaram e aprimoraram o modelo.

QUILHA

Eles eram famosos na antiguidade por suas habilidades na construção de navios. Foram creditados pela invenção da quilha, e calafeto (para vedar a entrada d'água) entre as tábuas.



NAVIOS FENICIOS

Das esculturas assírias em Nínive e Khorsabad, e descrições em textos como o livro de Ezequiel, na Bíblia, sabemos que os fenícios tinham três tipos de navios.

REMOS

Os fenícios cansaram de ficar no mesmo lugar então optaram por barcos, remos, juntaram caminhos e mares como suas maiores utopias.



HALO

Um halo que esfuma as linhas de contorno despede a nitidez diminuindo e desalinhando formas marítimas. É nesse meio que se balançam os barcos, com impulsos primitivos giram impulsos semelhantes até esgotar suas energias.

MÃES DO LEVANTE

Sempre o rigoroso ciclo que acaba na morte ronda alguns para levá-los antes. Como pirata, invade os corpos para enfermá-los sem aviso e sem consentimento. Feito árvore verde sem tempo de amadurecer, a vida tem sua colheita antecipada pela mina plantada, pelo muro excludente, pela expropriação, pelo memoricídio, pelo exílio. Nenhum pedaço intacto fica para contar o perdido, nenhum direito razoável poupado, nem uma tentativa de cura, nenhuma barreira para conter a perda. As mães vestidas de negro olham para o chão, já sem indignação. Acostumadas a perder, pressentem que não há para quem clamar. Resta-lhes apenas o choro. Negras de prognóstico, entre inimigos de todos os lados, fazem de seus prantos lamentos que murmuram como um mantra revoltado.

AS DESPEDIIDAS

Feitas as despedidas, chegado o momento da partida, içaram os cabos, soltaram as amarras, obedecendo a brisa partiram com a velocidade dos ventos cansados e das velas rasgadas.



O SILÊNCIO DAS CARAVANAS

O silêncio das caravanas que carregam culturas milenares são algo mais que ausência, remetem à uma ancestralidade que as palavras não alcançam traduzir.

NOSSAS NAVES

Nossas naves viram imperar os ventos aprendendo a serem desobedecidas por eles. Nossos olhos viram mares dominando equilíbrios, a admiração dos céus noturnos habitados por luzes concomitantes, veementes transmitindo rotas. Insondáveis memórias pediam com insistência harmonizar as saudades com poderes suficientes para vencer os esquecimentos.



O FRIO DOS IMIGRANTES

A brisa marinha que lhes arrasta por lá e aqui põe a prova todas as virtudes e todos os vícios, uns tendo memórias na comida, outro nas companhias perdidas, outros pela ternura levada, outros pela poesia e a terra dos cedros. Todas as noites se deitam com os odores, as paisagens, os cantos e despertam com o frio dos emigrantes.

ROTAS MARÍTIMAS

As rotas marítimas que, acharam seriam parceiras, se excediam em absorver as léguas náuticas deixando as origens sempre mais distantes. A ânsia da interlocução jogava com o silêncio amplo e a longínqua pergunta se somava a dor dos idiomas que não se acolhiam, as perguntas não eram respondidas. Não poderiam nunca dimensionar isto como uma falha pessoal ou demanda não correspondida, mas o confronto de ideais nunca se somava às urgências. As necessidades românticas, utópicas, paradisíacas gradualmente calavam, a realidade devolvia o mundo com uma versão menos ingênua.



ARTE E AGRICULTURA

Em Golbectec, Turquia foram encontrados em escavações de 15 m. de profundidade, blocos de pedra talhadas com figuras de animais.

Na história da arte encontram-se pinturas rupestres de até 30.000 anos. A história da imagem segue seu caminho indo até a escultura. Aquela seria uma sociedade de culto, onde calcula-se que para a alimentação haviam pessoas que se deslocavam, eram os caçadores só para alimentar as pessoas. Supõe-se que a agricultura é a pedra fundamental da modernidade e que começou ali. Dos dados arqueológicos descobertos, este é o sítio mais antigo.

As pedras referidas acima para serem transportadas até o cume de um monte onde foram encontradas necessitariam cada uma delas de aproximadamente 500 pessoas. Para alimentar toda esta população foi plantado trigo, ali encontraram sementes de trigo. Há evidências de que o trigo que temos hoje, extraído seu DNA e comparados em sua composição genética a outros trigos selvagens coincidem.

Ali naquelas montanhas, a 30 km. de Golbectec, o trigo era usado para alimentar as pessoas que transportaram as pedras e criaram as imagens nelas.

A SAUDADE

A saudade subiu nas naves, imensa e bruta derrubou a tranquilidade, cercados de mares, seus arredores peregrinavam entre a terra deixada e a terra procurada. Cruzando o mar em busca de paraísos a memória rivalizava com a necessidade de navegar.



CRÔNICAS AGONIAS

Crônicas agonias assumem o transporte do horror de ver Iraque, Síria, Líbia, Iêmen, Líbano, Palestina, Irã, Armênia, espalhando os exilados como pássaros migratórios feitos sem asas para não cair na tentação do retorno. Na penumbra vaga que esconde todos os horrores, as chegadas não queridas, as partidas que levam as aldeias, a esperança e o amor sem volta, de partida.

AS NAUS

As naus prestes a partir despejavam saudades nos cais onde alvoroço se confundia com a agonia cercando beijos e abraços. Navegaram os penares entre mares e gentes, com medos, incertezas e outras incompreensões da vida.



NOVOS PAPÉIS

Caminhávamos a bordo, lado a lado sujeitos à disciplina que nos limitava do convés ao mar. Os gestos apontavam ao porto deixado, os olhos encravados nos olhos deixados, sentindo o desejo de chegar logo e acabar com agonia da incógnita. Uma viagem feita de incongruências, contradições. As fantasias buscando novas formas se aventuravam a dar-nos novas funções para as velhas recordações assumindo novos papéis.

Roberto Curi Hallal

